

OS CONTEÚDOS DE MATEMÁTICA NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E OS DESAFIOS NA PRÁTICA DOCENTE

Fabício Maia Pinto¹
Keiziane Rodrigues de Oliveira²
Aniele Barros Obando³
Karem Keyth de Oliveira Marinho⁴

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi realizado no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, que por meio de suas atividades nos oportunizou a realização de um diagnóstico com a finalidade de investigar possíveis dificuldades dos professores de Matemática das séries finais do Ensino Fundamental da Escola Estadual Pedro Teixeira em ministrar suas aulas, focando a maneira como os conteúdos são ensinados.

A motivação deste estudo se deu pelo fato de, ao interagir com os docentes percebermos algumas dificuldades dos discentes em compreender alguns conteúdos e também em nossas dificuldades em elucidar tais dúvidas. Desta forma, considerando nossa futura atuação como docentes, buscamos na experiência dos professores que já estão em sala de aula, compreender desde já possíveis dificuldades para refletirmos sobre meios que possam minimiza-las.

Assim, por meio de uma abordagem qualitativa (SANTOS FILHO, 2007), optamos em utilizar um pequeno questionário como instrumento de obtenção de dados, construído a partir de nossas observações em sala de aula na qual elaboramos uma questão de múltipla escolha a fim de identificar os anos escolares que os professores ministram suas aulas e três perguntas abertas voltadas para a abordagem dos conteúdos matemáticos.

¹ Universidade do Estado do Amazonas - UEA.

² Universidade do Estado do Amazonas - UEA.

³ Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino do Amazonas – SEDUC/AM.

⁴ Universidade do Estado do Amazonas - UEA.

O questionário foi entregue aos quatro professores de Matemática que ministram aulas de Matemática nas séries finais do Ensino Fundamental, mas apenas dois o devolveram respondido, que serão objetos de nossas análises.

2 A ABORDAGEM DE ENSINO DOS CONTEÚDOS MATEMÁTICOS NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DE MATEMÁTICA

Os professores participantes da pesquisa serão identificados com nome fictícios a fim de ter suas identidades preservadas, sendo assim Maria ministra aulas neste ano de 2017 para 6º, 7º e 9º anos do Ensino Fundamental, enquanto José apenas em turmas de 8º e 9º ano.

Quando questionados sobre a existência de algum conteúdo matemático complexo/difícil de ensinar, José disse não ter e afirmou que utiliza com frequência aula expositiva com resolução de exemplos no quadro. Maria por sua vez citou os Números inteiros, especificamente as operações, dada a utilização das regras de sinais, e que para ensinar esse conteúdo faz uso de jogos didáticos.

Percebemos na fala de José a utilização da técnica da aula expositiva, no entanto compreendemos que, por mais que esta seja essencial para as aulas, precisa do diálogo para facilitar a compreensão dos conteúdos, visto que os alunos poderão interagir com o professor indagando e dialogando sempre que necessário (PINTO; MARINHO, 2014).

Quanto a Maria, de fato observamos durante as atividades do Pibid que os alunos apresentam dificuldades em compreender as operações com números inteiros e consideramos os jogos como uma opção metodológica adequada, visto que

Os jogos, ultimamente vêm ganhando espaço dentro de nossas escolas, numa tentativa de trazer o lúdico para dentro da sala de aula. A pretensão da maioria dos/as professores/as com a sua utilização é a de tornar as aulas mais agradáveis no intuito de fazer com que a aprendizagem torne-se algo fascinante. Além disso, as atividades lúdicas podem ser consideradas como uma estratégia que estimula o raciocínio, levando o/a aluno/a enfrentar situações conflitantes relacionadas com o seu cotidiano. (LARA, 2003, p.21)

Nesta direção, questionamos os professores sobre atividade extraclasse, pois é algo que não observamos com frequência na escola e ambos os docentes afirmaram não ter realizado atividades dessa natureza, no entanto divergiram quanto aos

motivos, enquanto a Prof.^a Maria alegou a falta de recurso, o Prof. José disse haver vários motivos destacando o desinteresse dos alunos:

Os alunos não fazem, não tem comprometimento com os estudos. As atividades para casa não são feitas, e com isso os pais são chamados para uma conversa, e mesmo assim, eles não fazem. Eles têm dificuldades na multiplicação e divisão, levando o professor a trabalhar esses conteúdos para terem um melhor rendimento. No entanto a falta de interesse é muito grande.

Quanto à fala de Maria, observamos a falta de apoio ao professor, evidenciando que mesmo quando o professor tem interesse em realizar práticas diferenciadas não consegue realiza-las devido o apoio financeiro e estrutural que necessita. Nessa situação o apoio deveria vir da escola, da esfera administrativa a qual pertence, mas na situação do Prof. José, esse apoio refere-se à família, pois como é possível observar em sua fala, mesmo conversando com os pais os alunos não realizam as atividades, demonstrando que o interesse do aluno também depende do incentivo e acompanhamento da família, que em alguns casos, atribui essa responsabilidade apenas a escola, em especial, ao professor.

Para finalizar nossas indagações, destinamos a quarta e última pergunta à contextualização dos conteúdos, e ambos os professores afirmaram utilizar exemplos do cotidiano dos alunos em suas aulas, mas quando questionados sobre a dificuldade em contextualizar os conteúdos, os professores divergiram em suas respostas. Maria alegou não ter dificuldades, já o Prof. José disse:

Sim, pois faltam materiais para pesquisar e nos livros didáticos alguns conteúdos não são contextualizados, implicando na resolução de alguns conteúdos.

Deste modo, mesmo Maria dizendo não ter dificuldades, há professores que possuem. Cabe ressaltar que durante as atividades realizadas no Pibid já houve diálogos entre a equipe sobre a contextualização de alguns conteúdos de acordo com o cotidiano dos alunos como, por exemplo, a potenciação e a radiciação. Com isso destacamos a relevância do planejamento para a prática docente, visto que é nesse momento que são realizadas as pesquisas do que poderá ser utilizado nas aulas, já

que, aulas que tomam por base apenas o livro didático, muitas das vezes não são satisfatórias (BRASIL, 1998).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades realizadas no âmbito do Pibid/Capes se complementam, a partir das observações e interações com a prática docente foi possível planejar essa breve investigação sobre a forma de abordar os conteúdos matemáticos.

Assim, verificamos o quanto a vivência na escola contribui para a formação do profissional, pois ao ter esse contato podemos ter experiências de ensino e de aprendizagem, e este breve trabalho nos possibilitou conhecer as nuances do cotidiano do professor, bem como os desafios enfrentados em sala de aula.

Deste modo, constatamos que dentre os desafios mais citados está o desinteresse dos alunos e a falta de apoio ao professor, e um fator interfere no outro, pois não basta que o professor busque meios diferenciados de ensino para motivar os alunos se não tem como realiza-los por falta de recursos e mesmo quando consegue fazer, não há o apoio da família.

Logo, consideramos ser importante refletir acerca de meios que torne a família mais presente na escola e a realização de atividades na sala de aula com baixo custo de forma a possibilitar a compreensão dos conteúdos e fomentar o interesse dos alunos.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil, pelo apoio na realização desta ação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: Apresentação dos temas transversais. Brasília : MEC/SEF, 1998.

LARA, I. C. M. de. **Jogando com a Matemática**. São Paulo: Rêspel, 2003.

PINTO, W. A.; MARINHO, K. K. de O. A relevância da aula expositiva dialogada no ensino e aprendizagem de trigonometria. In: Encontro de Educação em Ciências, Matemáticas e Inclusão, 2014, Tabatinga, **Anais...** Manaus, UEA edições, 2014, p. 49-53.

SANTOS FILHO, J. C. dos. **Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático.** In: SANTOS FILHO, J. C. dos.; GAMBOA, S. S. (orgs.) Pesquisa educacional: quantidade-qualidade. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 13-59.